

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AMPLIADA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

AUTORES

Fernanda da Costa CASTILHO
Priscila de Souza POLTRONIERI
Discentes do curso de Pedagogia UNILAGO

Denise FRAGA
Suzelei Faria BELLO
Docentes do curso de Pedagogia UNILAGO

RESUMO

A comunicação alternativa ampliada pode subsumir os discentes com deficiência e necessidades complexas de comunicação no contexto educacional e ampliar as habilidades e as competências de todos os envolvidos. Deste modo, o objetivo do estudo em questão foi apresentar, definir o que é a comunicação alternativa ampliada, refletir sobre sua importância em todos os ambientes, dando ênfase ao âmbito escolar e como essa tecnologia assistiva pode colaborar no processo de ensino-aprendizagem. Para o desenvolvimento da discussão foram realizadas pesquisas bibliográficas e leituras sobre o tema, estudos que elencaram sobre a base teórica-histórica, envolvendo o surgimento da comunicação alternativa e se moldou ao longo do tempo, como e por quais motivos essa tecnologia ultrapassou os muros das clínicas e o quanto sua contribuição pode ser dada dentro da escola. Ampliar o conhecimento sobre a CAA para que favoreça a qualidade de vida dos usuários e de familiares é um dos objetivos desse texto, tanto como propor diretrizes de intervenção e pesquisa nessa área.

PALAVRAS - CHAVE

Linguagem. Comunicação alternativa ampliada. Tecnologia assistiva. Educação.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo denominado “Comunicação alternativa ampliada no contexto educacional” tem como escopo discutir diferentes meios para que um sujeito que não possui uma comunicação efetiva tenha possibilidade de se comunicar sem ser necessariamente por meio da oralização. O tema vem com o intuito de refletir sobre as práticas dos professores em sala de aula para a educação dos alunos com deficiência.

Nosso interesse inicial por este tema se deu a partir das nossas experiências em escolas que tentam, de alguma forma, promover e proporcionar um melhor aprendizado para os discentes com dificuldades de comunicação. Acreditamos que uma escola inclusiva é aquela aonde todos os alunos são aceitos e recebem oportunidades apropriadas às suas habilidades e necessidades.

Este estudo tem como a base pesquisa bibliográfica e a partir do estudos destes textos, discorreremos sobre alguns conceitos que são essenciais, como por exemplo a linguagem e a tecnologia assistiva, abordaremos também sobre os caminhos percorridos da comunicação alternativa e a sua chegada acanhada na escola. Dessa forma, os objetivos delineados são sobre a comunicação alternativa ampliada e a sua importância, com o propósito de buscar melhores práticas para o professor trabalhar em sala de aula com alunos deficientes, também definir a comunicação alternativa ampliada e refletir sobre sua importância em todos os ambientes, dando ênfase ao ambiente escolar inclusivo, definir como a Comunicação Alternativa Ampliada, doravante CAA, pode colaborar no processo ensino-aprendizagem.

Sabemos que a fala é a modalidade de manifestação da linguagem adotada e priorizada na maioria das relações sociais, e claro que, esta permeia o contexto escolar. Nesse meio, a fala é tida como instrumento de comunicação, permitindo assim a construção e a transmissão de conhecimentos, num processo *continuum* e interativo, desde os primeiros anos da educação, é também por meio da fala que é possível verificar se os conhecimentos foram adquiridos ou não pelos alunos.

A CAA é então considerada uma das áreas da Tecnologia Assistiva, que tem como propósito promover e ampliar as habilidades de pessoas com limitações funcionais resultante de deficiências diversas. A justificativa para a realização desse estudo é pensar que por meio dessa tecnologia podemos proporcionar melhores condições para um público-alvo específico e que apresenta uma crescente presença nas escolas regulares, como essa tecnologia pode auxiliar o professor em sala, como ela pode amparar o processo de ensino-aprendizagem, como a comunicação alternativa pode acolher esse aluno e fazer que todos participem das atividades dentro da instituição escolar.

2. TRAJETÓRIA HISTÓRIA DA CAA

A palavra “comunicação” tem origem do Latim *communicatio* e significa “ação de tornar algo comum a muitos” e ela ocorre quando o emissor exprime a sua ideia para um código, uma linguagem que possa ser entendida pelo seu receptor. Nunes (2002) aponta que a comunicação é uma necessidade básica entre os homens e faz-se necessária nas relações, constituindo-se um aspecto fundamental para a sobrevivência. Ao pensarmos como o bebê reage ao mundo nos remetemos ao desenvolvimento da linguagem e da fala, percebemos a comunicação não intencional, isto é, o olhar, o choro, o aumento das vocalizações relacionadas ao bem-estar ou ao desconforto, o interesse por objetos, a imitação, entre outros.

A linguagem é um conceito que deve ser ressaltado, esta é entendida como um sistema composto por símbolos arbitrários, construídos e convencionados socialmente e governado por regras, que representam ideias sobre o mundo e serve primariamente ao propósito da comunicação (BLOOM; LAHEY, 1978 apud NUNES, 1992). Essas concepções vêm para evidenciar que a fala é apenas um dos veículos da linguagem, a mais utilizada, contudo o ato de se comunicar é mais amplo, nós, seres humanos, possuímos os recursos verbais e não-verbais, os meios de expressões são variáveis, o corpo também “fala”, utilizamos expressões faciais, apontamos, gesticulamos, etc.

Segundo Vygotski (1988/2002, p. 32) “a linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam”, posteriormente se converte em linguagem interna e se transforma em função mental, tendo uma função significativa na construção do pensamento e do caráter do indivíduo. No entanto, alguns sujeitos apresentam dificuldades em seu processo de comunicação, precisando usar outros meios para se comunicar, como a CAA.

A CAA, dedica-se ao desenvolvimento linguístico com a finalidade de amplificar modos alternativos de comunicação, tornando as crianças capazes de se comunicar com falantes adultos, ou seja, conseguindo assim se incluir no meio social em que está inserida. Braun et al. (2011 apud GLENNEN, 1997; NUNES, 2003) afirma:

A Comunicação Alternativa (CA) constitui uma das áreas da Tecnologia Assistiva (TA) que está dirigida a pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. A Comunicação Alternativa/Ampliada constitui área de conhecimento multidisciplinar, relativamente recente, que se desenvolveu, inicialmente, na clínica e que, aos poucos, foi introduzida na escola. Mais especificadamente, a Comunicação Alternativa envolve uso de gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos (bidimensionais como fotografias, gravuras, desenhos e a linguagem alfabética e tridimensionais como objetos reais e miniaturas), voz digitalizada ou sintetizada, dentre outros, como meios de efetuar a comunicação face-a-face de indivíduos incapazes de usar a linguagem oral. (p.6)

A CAA constitui uma das áreas da Tecnologia Assistiva (TA) que está dirigida a pessoas sem fala, escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. A CAA compõe a área de conhecimento multidisciplinar, relativamente recente, que se desenvolveu inicialmente, em ambiente clínico e que, aos poucos, foi introduzida na escola. Vale salientar que o desenvolvimento de meios alternativos de comunicação não constitui apenas a aprendizagem de um modo diferente de comunicação; implica um caminho alternativo de constituição cultural do sujeito, porque a comunicação faz parte de todas as funções sociais e culturais cotidianas. As crianças percorrem um caminho paralelo no seu desenvolvimento cultural, mas o caminho paralelo de habilidades normais, ou pelo menos as melhores possíveis (SJOTHUN, et al. 2005 apud RENNEN, 2003).

Um dos principais objetivos da CAA é tornar os sujeitos com necessidade comunicativa o mais independente possível em suas situações comunicativas, visando amplificar a interação com o outro em todos os contextos sociais. Outro propósito é facilitar a evolução da comunicação oral e facilitar o desenvolvimento de habilidades, conceitos e estruturas linguísticas, envolvendo assim habilidades de expressão e compreensão.

Nas pranchas educacionais haverá imagens gráficas que tenham significado para quem use, normalmente, as imagens deverão ser feitas a partir do repertório do usuário e de suas necessidades, como por exemplo, figuras de alimentos, brinquedos, lugares, etc. É relevante destacar que o uso desse meio alternativo de comunicação propicia benefícios e melhoras significativas, como por exemplo, a aquisição de uma fala funcional, a melhora da autoestima, o aumento do número de interlocutores, maior independência para realizar atividades cotidianas e um maior poder de decisão.

Evidenciamos também que a CAA possibilita o compartilhamento de um meio de comunicação e de conhecimentos culturais que demandam de competências que são partilhadas e que proporcionam uma maior interação, em razão disso, os meios alternativos de comunicação não são somente modelos distintos para se comunicar por meio de símbolos, este sugere que o sujeito consiga se constituir culturalmente, visto que o ato de comunicar faz parte de todas as funções sociais cotidianas. Posto isto, destacamos que a comunicação pode assumir muitas formas, como já mencionado – a fala, o texto, um olhar compartilhado, expressões, toque, símbolos, etc. Há inúmeras formas de comunicação com base no contexto e no indivíduo que participa do diálogo, pontuamos que a comunicação é eficiente quando a intenção e o significado de um indivíduo é compreendido por outro indivíduo e a CAA proporciona essa troca, essa experiência.

Um ponto relevante a ser discutido nesse estudo é sobre a história da CAA e os seus caminhos, seus primeiros congressos, isto é, onde e como surgiu. CHUN *et al.* (HOURCADE *et al.*, 2004) salienta que a história da “*Augmentative and Alternative Communication*” (AAC), como se nomeia esta área na literatura internacional, alude aos anos de 1950 e 1960, manifestando-se como uma possibilidade e foco restrito às pessoas com comprometimento para desenvolver a fala natural e intervenção face a face.

No Brasil, diversos motivos colaboraram para consolidar o desenvolvimento dos sistemas suplementares e/ou alternativos de comunicação nos anos de 1970, dentre causas podemos citar: o aumento da expectativa de vida, o aumento da população de risco ter sequelas decorrentes de lesões neurológicas, traumatismos e acidentes vasculares. A Segunda Guerra Mundial também influenciou, pois devido suas consequências houve um acréscimo da demanda de assistência à saúde, em particular para o exercício da comunicação. Outro fator importante a ser destacado é que nos anos de 1960 o nosso país sofreu transformações sociais e políticas, essas mudanças ecoaram na área dos direitos civis e nas políticas educacionais, conferindo uma atenção maior às pessoas com deficiências.

Ao longo desse período, houveram mudanças significativas como o refinamento das tecnologias e também as mudanças metodológicas, essas transformações refletiram diretamente nas práticas da área no panorama internacional. E, é nesse contexto de mudanças que a Comunicação Suplementar Alternativa (CSA) chega do Canadá para São Paulo e Rio de Janeiro por meio do Sistema Bliss de Comunicação. A partir da sua inserção no país, evoluindo lentamente no princípio, a CSA foi se expandindo para outros estados, ganhando notoriedade e adesão nas instituições de Saúde e Educação. Aproximadamente dez anos depois do momento inaugural, profissionais da Associação Educacional Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial, responsável pela introdução do Sistema Bliss no país, trouxeram outro sistema do Canadá, o *Picture Communication Symbols* (PCS), que é atualmente um dos mais utilizados no cenário nacional.

Enquanto isso, no final dos anos 1980 até a primeira metade de 1990, o cenário internacional apresentou um expressivo processo de expansão na CSA, cursos de capacitação profissional e formação

eram realizados nos grandes centros. Esse período é relevante porque houve a inauguração da fundação *International Society for Augmentative and Alternative Communication* (ISAAC) em 1983, uma organização voltada à melhoria de qualidade de vida de crianças e de adultos com necessidades especiais de comunicação. No ano seguinte, 1984, os Estados Unidos sediaram a primeira Conferência Bianual da ISAAC, a partir daí, diferentes países já sediaram o evento, incluindo o Brasil.

É sabido que a tríade família-saúde-escola é a base para estruturar intervenções para pessoas que necessitam, por conta disso, a CSA pode ocupar saberes e territórios, visto que estes se cruzam. Para Chun et al. (2015):

A CSA compreende recursos que possibilitem dar voz às pessoas com diversos graus e tipos de comprometimentos de linguagem, oral, escrita ou gestual, nos diferentes ciclos da vida, tratando-se de campo de atuação que se faz presente em vários contextos – familiar, educacional, clínico, hospitalar, de trabalho e lazer, congregando profissionais de diversas áreas, tais como Saúde, Educação, Artes e Ciências Exatas. (p.27)

Os eixos temáticos do VI Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAAC-Brasil se definiram visando os territórios onde se organiza, instala as práticas e as pesquisas em CSA. A escolha por discutir esse tema relaciona-se pelas mudanças que a CSA tem passado, como questões motoras, linguísticas e cognitivas das pessoas atendidas, e também, outros aspectos como culturais e linguísticos. Ao propor essa temática sobre agrupamento por territórios, que condicionam conhecedores da ciência formal e popular, possibilitou um diálogo entre diferentes participantes da amplificação e disseminação da CSA. Afinal, a comunicação se faz na sociedade, na escola, em casa, no trabalho, no convívio com seus pares e não entre cientistas e profissionais.

Como podemos observar que há diferentes nomenclaturas, como CSA -Comunicação Suplementar Alternativa e CAA - Comunicação Alternativa Ampliada, em nossas referências textuais podemos observar a utilização de ambas, contudo, estas compreendem o mesmo assunto, optamos assim por utilizar com mais frequência a CAA.

3. CAA E O CONTEXTO EDUCACIONAL

Posto isso, nos voltamos para a instituição escolar e nos propomos a pensar e a entender como a CAA pode colaborar no processo de ensino-aprendizagem, pois esta pode garantir a entrada de diversas formas de comunicação e melhorar a compreensão e as expressões de crianças com deficiências e necessidades complexas. A Base Nacional Comum Curricular (2016), documento que norteia as práticas na Educação Infantil asseguram seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se; esses direitos proporcionam que “as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural”.

Essa etapa básica da educação é um direito de todas as crianças, inclusive daquelas com deficiência, normalmente, estas chegam até nós, educadores, como um desafio a ser enfrentado, visto que, dentro da sala de aula é possível identificar uma diversidade de graus e tipos de comprometimento, e

normalmente, falta conhecimento teórico para lidar com diversas deficiências. É papel da escola e do professor amparar esses alunos, dar suporte a eles e promover o ensino e a aprendizagem. Segundo Deliberat e Massaro (2003 apud VON TETZCHNER et al., 2005; VON TETZCHNER, 2009; DOWNING, 2009):

Na escola, o educador deve criar ambientes sociais e significativos que apoiem a aquisição de sistemas alternativos de comunicação, pois esses ambientes não se constituem naturalmente. A comunicação suplementar e alternativa não é uma forma natural de comunicação, assim, o desenvolvimento da linguagem demanda um processo de construção e planejamento. (p.334)

Além disto, os recursos devem estar de acordo com os objetivos pedagógicos do professor e também devem estar adequados à especificidade de cada aluno, deve-se considerar as capacidades cognitivas, visuais e motoras dos seus discentes. O professor ao lançar mão dos recursos de CAA em sala de aula pode definir o desenvolvimento da linguagem e da comunicação no período escolar e também pode contribuir para o avanço do desenvolvimento global de seus usuários, é no ambiente escolar que o educador poderá desenvolver ambientes sociais e significativos que sustente e alcance os sistemas de comunicação.

Para elucidar como a CAA pode ser empregada nas circunstâncias educacionais, vejamos alguns exemplos:

Figura 1 - Itens de interesse do aluno



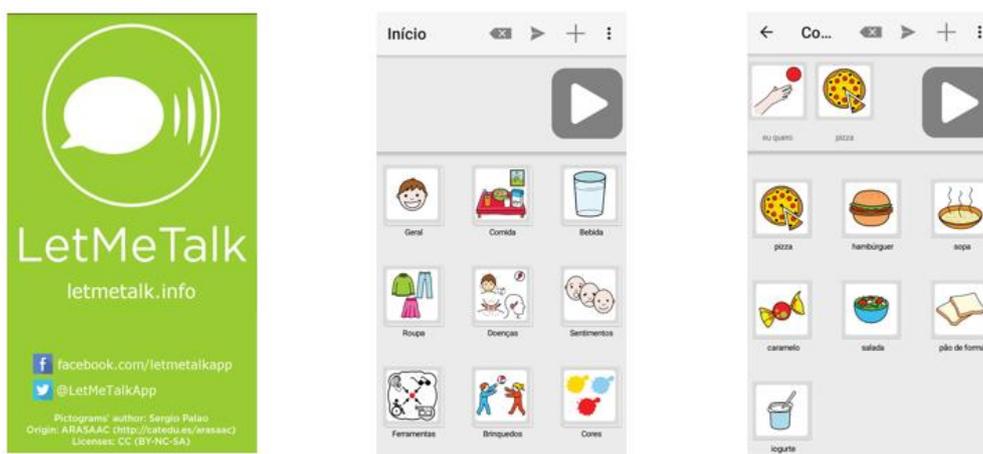
Fonte: arquivo das autoras (2019)

Figura 2 - Pasta



Fonte: arquivo das autoras (2019)

Figura 3 – Aplicativo



Fonte: *print screen* do aplicativo

4. MITOS SOBRE A CAA

Há alguns mitos sobre a CAA e que o docente precisa saber desmistificá-los, são eles: (1) a CAA deve ser o último recurso a ser empregado, quando todas as outras opções estiverem sido esgotadas; (2) a CAA prejudica o desenvolvimento da fala; (3) as crianças devem ter certas competências para poder se beneficiar desse recurso; (4) a CAA é somente para crianças com cognição intacta; (5) as crianças tem que ter uma determinada idade para poder se favorecer da CAA; (6) há uma representação hierárquica de símbolos a partir de objetos para a palavra escrita. Essas crenças não são sustentadas pela literatura atual, oposto a isso, há um reconhecimento crescente de vantagens das intervenções de CAA em crianças pequenas.

O educador é encarregado pelo processo de ensino aprendizagem do seus alunos, portanto ele precisará rever seus hábitos escolares, implantar novas estratégias de ensino, ademais, será preciso ir além dos aspectos pedagógicos, o docente que tem aluno especial em sua sala precisa rever suas crenças

e seus hábitos, pois suas ideologias serão determinantes para o aprendizado de todos, como salienta Deliberat e Massaro (2003 apud OMOTE, 2000, 2001):

Além desses aspectos pedagógicos, o professor é responsável pela qualidade da relação ensino-aprendizagem, que é interpessoal e não apenas didático. Dessa maneira, o educador precisa rever constantemente seus hábitos e crenças enraizados, pois suas ações têm como base uma concepção que foi desenvolvida dentro do processo histórico. A concepção que o educador infantil tem a respeito da deficiência, por exemplo, direciona a prática e determina as atitudes em relação aos alunos com deficiência. (p.335)

Portanto, o ambiente escolar inclusivo deve ter um mediador que organizará e estabelecerá relações sociais para as aprendizagens se tornem significativas, refletindo sobre suas práticas e se atentando ao uso dos recursos, pois estes precisam corresponder as necessidades dos alunos, assim será possível assegurar as condições de comunicabilidade e acessibilidade. O professor deve também estar pronto para renunciar a ideia de que exista um estudante padrão, que o currículo planejado vai suprir a aprendizagem de todos os alunos da sua sala.

Para que a CAA aconteça na escola a tríade aqui já mencionada, escola-família-saúde, deve ser uma base sólida, pois é nela que a criança com dificuldade de fala vai ser amparada. É notável o cuidado dos profissionais da saúde e da educação em garantir permanência de alunos com deficiência no ensino regular e isso implica ações teóricas e práticas, seja na formação de professores, seja na realização de programas que envolvem profissionais de diferentes áreas.

A formação dos profissionais é de grande valia para dar o suporte adequado e correto para as crianças que utilizarão a CAA, pois todos os envolvidos nesse processo devem receber orientações sobre o sistema que está sendo utilizado com a criança, ampliando assim as possibilidades de comunicação e interação. É fato que a escola tem desafios a serem enfrentados, dado que ela deve garantir a estrutura para as habilidades comunicativas dos discentes com deficiência e também assegurar a participação desse aluno nas atividades pedagógicas que são previstas no planejamento curricular.

Uma equipe deve ser formada para propiciar o uso da CAA, esta deve ser formada pelo usuário, sua família e os demais atuantes da escola (professores e profissionais da saúde), se faz muito importante aqui o papel do fonoaudiólogo, pois este especialista é quem tem as competências para gerir essa equipe. A execução dos sistemas gráficos na rotina escolar será capaz de enfrentar os desafios já mencionados, pois ela poderá garantir aos discentes com deficiência a ampliação das habilidades de comunicação e interação e também propiciar a participação desses alunos nas atividades previstas, garantindo assim habilidades comunicativas, adequações e adaptações das tarefas pedagógicas.

As autoras Sameshima e Deliberato (2009) elencaram algumas prioridades para implementar os recursos e as estratégias de CAA para o ensino de aluno com deficiência, são eles: trabalho em conjunto com a escola, a família e o professor como meta fundamental; orientação sistemática ao professor durante as atividades pedagógicas (auxiliar na identificação das habilidades e necessidades – avaliar o aluno em conjunto e com instrumentos adequados); identificar com o grupo a rotina de atividades escolares prevendo as tarefas e interlocutores participantes, selecionar o vocabulário pertinente ao planejamento do professor

não só para elaborar, adaptar as prechias, livros e cadernos de comunicação, mas para vincular o trabalho com a consciência fonológica.

É válido destacar que os recursos tecnológicos são de suma importância para o trabalho do professor, contudo, os recursos por si só não vão garantir o sucesso da aprendizagem do aluno com deficiência, em outras palavras, os recursos não são o suficiente para que esse aluno tenha acesso ao currículo e garanta o aprendizado da leitura e escrita. E, além dos recursos tecnológicos, outros detalhes serão importantes também, como a instrumentalização do ambiente, a capacitação dos diferentes interlocutores e a realização do planejamento antecipado com as tarefas organizadas para aquele determinado aluno.

Frisamos que a comunicação é multimodal, por isso a importância das habilidades expressivas já existentes não verbais, pois estas colaboram na comunicação do aluno com deficiência, como no caso do direcionamento de olhar, os gestos representativos, vocalizações que podem apoiar o aluno na transmissão de uma intencionalidade. Como já salientado, um recurso de Comunicação Alternativa tem por objetivo apoiar seu usuário no aspecto da compreensão de informações, de roteiros de atividades, de enunciados e de textos. Para apresentar esse tipo de recurso é preciso conhecer o aluno e considerar seu conhecimento de mundo, seu conhecimento prévio. Por isso, o olhar mais atento do docente é necessário, o professor precisa conhecer seu aluno, saber sobre seus interesses, o que lhes chamam mais atenção, com isso o aprendizado pode se tornar mais atrativo e mais significativo para o aluno. Outro fator contribuinte para o êxito das tarefas pedagógicas, é ensinar às crianças falantes utilizar o sistema de CSA, assim elas podem obter competências nessa modalidade de comunicação, partilhando e aumentando as interações comunicativas dos alunos com deficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunicação Alternativa Ampliada surgiu no âmbito com a tecnologia assistiva com a função de ajudar indivíduos que não conseguem se comunicar ou que apresentam alguma dificuldade temporária por meio da linguagem oral. A literatura vem crescendo e o tema ganhando espaço, não há só sistemas de imagens pictográficas que podem assistir esse nicho, como visto, o uso de tecnologias como *tablets* e computadores também ampliam as opções, variando assim de acordo com a necessidade de cada um.

Pensando no propósito de uma educação de qualidade e acessível a todos, escolhemos nos aprofundar no tema a CAA, notamos que essa tecnologia assistiva vem para contribuir e agregar também no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, sabemos que o assunto ainda não é de conhecimento geral, por mais que seja uma necessidade inerente a utilização dessas tecnologias, sabemos que muitas escolas não estão preparadas para atender adequadamente discentes não oralizados.

Após uma breve reflexão sobre o tema no contexto educacional, podemos concluir que esta vem com o propósito agregador para amparar o indivíduo que precisa utilizar a comunicação alternativa, como também para integrar, acrescentar, somar, no caso da escola, todos os envolvidos – desde professores até os amigos de sala, pois a presença de interlocutores dispostos e interessados em acolher e interagir com pessoas não oralizadas é mais relevante que os recursos, é assim que o indivíduo não oralizado se sente parte do ambiente, socializa e aprende.

Sabemos quão é importante o papel no educador, contudo, acreditamos para que possa ocorrer de fato o uso da CAA será importante não só seus conhecimentos específicos e científicos sobre o tema, mas para que haja êxito nas práticas com essa tecnologia assistiva será significativo outros pontos, como seu conhecimento de mundo, sua ideologia, sua disposição, sua vontade de ensinar a todos e sua vontade de aprender acima de tudo. Como já dito, o papel do professor é imprescindível, todavia, é improvável que ele consiga percorrer esse caminho sozinho, a multidisciplinaridade conduz o tema, é de suma importância que haja uma equipe formada por profissionais como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadores físicos, psicólogos, sendo assim a multidisciplinaridade precisa tornar-se evidente no contexto escolar.

Por fim, salientamos mais uma vez que essa é uma área que precisa de atuação multiprofissional, é necessário que haja uma relação intrínseca entre ensino, pesquisa e extensão. É por meio de discussões e iniciativas que conseguimos dar vez e voz a todos os alunos, é dessa maneira que somos capazes de produzir e conduzir mudanças fundamentais da Educação e na vida de muitos.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2016v33n1p1>. Acesso em: 26 jan. 2019.

BRAUN, Leila Regina D'oliveira de Paula Nunes *et al.* **Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência.** Marília: Abpee, 2011.

CHUN, Regina Yu; REILY, Lucia; MOREIRA, Eliana Cristina. **Comunicação alternativa: ocupando territórios.** São Carlos: Marquezine & Manzini, 2015.

DELIBERAT, Débora; MASSARO, Munique. Uso de sistemas de comunicação suplementar e alternativa na Educação Infantil: percepção do professor. **Revista Educação Especial**, v.26, n.46, p.331-350, Maio/Ago. 2013. Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4821>. Acesso em: 15 set. 2018.

NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. **Linguagem e comunicação alternativa.** 2002.Tese (Professor Titular)- Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Métodos naturalísticos para o ensino da linguagem funcional em indivíduos com necessidades especiais. In: ALENCAR, E. (Ed.). **Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 1992. p. 71-96.

SAMESHIMA, Fabiana Sayuri; DELIBERATO, Débora. A parceria entre especialistas, professor e família no processo de implementação da comunicação alternativa: uma condição necessária. In: Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, 5; 2009; Londrina. **Anais V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial.** Londrina: ABPEE, 2009, p. 379-388.

SJOTHUN, Bento; GRINDHEIM, Elisabeth; MERETE, Kari; TETZCHNER, Stephen von. Inclusão de Crianças em Educação Pré-Escolar Regular Utilizando Comunicação Suplementar e Alternativa. **Revista Brasileira**, v.11, n.2, p.151-184, Maio/Ago. 2005. Ed. Esp., Marília. Disponível em : < http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista11numero2pdf/v11n2a1.pdf> . Acesso em: 15 out. 2018.

VYGOTSKI, Lev Semyonovitch . **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.